

## 9. TRABALHOS COMPLETOS: EIXO 3 - AVENTURA E TURISMO

### LAZER, CULTURA E NATUREZA NAS PRAIAS DE UBATUBA – SP

Dimitri Wuo Pereira<sup>1, x</sup>

(<sup>1</sup>ABEE, Rua Ernestina de Castro Marcondes, 263, casa 145, Jundiaí – SP, CEP 13214554, Brasil; <sup>x</sup>Autor de correspondência: dimitriwuo141@gmail.com)

#### RESUMO

Unir lazer, cultura e natureza fazer parte dos hábitos humanos. Fazer isso no litoral paulista, com suas lindas praias, rios, rochas, matas, pássaros, animais e plantas é um prazer e uma diversão. Este texto reúne esses elementos em trilhas turísticas de Ubatuba, São Paulo, procurando compreender e refletir sobre os costumes humanos, suas características e impactos ao planeta. A pesquisa se desenvolveu de modo descritivo, utilizando a visitação em loco, com imagens da região para propor reflexões a luz da hermenêutica. Observou-se que as trilhas de Ubatuba percorridas são de beleza paradisíaca, com possibilidades de fazer caminhadas em contato direto com a natureza, desfrutando de momentos de lazer inesquecíveis, entretanto os impactos culturais e naturais da ação humana, neste local nos alertam para uma cultura de aparência, um lazer de consumo e uma beleza natural em extinção.

**Palavras-chave:** Turismo; Cultura; Natureza.

#### INTRODUÇÃO

O verão é uma época de muitas viagens de lazer e o Brasil é um destino com grande potencial, especialmente em suas regiões litorâneas e Ubatuba no litoral norte de São Paulo é um desses destinos. A região possui inúmeras praias, de fácil acesso ao público, recebendo milhares de pessoas todos os dias, há ainda outras com acesso mais difícil, por necessidade de embarcações ou trilhas para chegar ao local, cujo isolamento dificulta o número de pessoas que querem desfrutar de momentos de lazer.

São lugares com paisagem paradisíaca, que envolvem a areia, o céu, as árvores e falésias próximas ao mar. Natureza exuberante e com colorido contrastante, atraindo visitantes e por vezes gerando problemas ambientais. Outra questão que envolve nossa reflexão é o processo de apropriação do ambiente pelos turistas, gerando um choque cultural ao litoral paulista.

A ideia de visitar essas praias, desvendando seus aspectos naturais é uma forma de ter uma experiência direta com o ambiente e o deslocamento por trilhas permite uma aproximação com as sensações e emoções únicas (PESSOA *et al.* 2021), que junto à observação atenta e a interpretação criteriosa de seus elementos pode proporcionar uma análise aprofundada dessa experiência de aventura.

Espera-se ao final deste texto compreender melhor: como é desfrutado o lazer litorâneo paulista; quais seus aspectos culturais e os impactos à natureza deste tipo de atividade.

#### METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa descritiva analítica, utilizando como instrumentos a observação sistemática do ambiente com um diário de campo e os registros fotográficos dos locais percorridos. A hermenêutica (SCHMIDT, 2014), proverá os recursos reflexivos necessários para uma análise dos lugares, pessoas e situações do cotidiano vividos pelo pesquisador em sua trilha pelas praias de Ubatuba.

Todo o percurso foi realizado pelo pesquisador e sua família, composta pela esposa e o filho de 15 anos, todos experientes em caminhadas e aventuras na natureza.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### O caminho percorrido nas trilhas de Ubatuba

Nossa primeira vivência teve como objetivo a trilha das Sete Praias, composta pelas praias do Oeste, Peres, Bonete, Grande do Bonete, Deserto, Prainha do Deserto e Cedro do Sul. Ela se inicia no canto esquerdo da praia da Lagoinha, mas pode ser feita no sentido contrário também, neste local há um pequeno riacho que deve ser atravessado para iniciar a caminhada. Abandonamos neste momento, um balneário popular, com muitas pessoas em seus guarda-sóis, que logo cedo, por volta de nove horas da manhã, já se preparam para um dia e diversão. O tempo estava nublado e com previsão de chuva, mas isso não nos desanimou. Levamos uma sacola com lanches, água, boné e a vontade de aproveitar o dia.

Seguimos por cerca de uma hora, andando por uma trilha relativamente fácil, com muitas árvores e terreno pouco acidentado. Andando na sombra nosso corpo não se desgasta e é possível desfrutar do frescor do orvalho, do barulho das ondas nos rochedos à beira mar, do canto dos pássaros, enquanto se avistam algumas casas incrustadas na floresta. Percebe-se que há moradores, pescadores e barqueiros que vivem ali, além de casas de veraneio para locação. A paisagem é deslumbrante, principalmente quando se avista a praia da Lagoinha a distância entre as árvores da trilha. Um lugar incrível para se viver, isto é, se estiver disposto a sobreviver sem energia elétrica, pois somente com geradores se consegue luz, neste local, Brito *et al.* (2023), apontam para a importância de se treinar o olhar para a beleza do ambiente, quando se percorre uma trilha.



Figura 1. Praia do Bonete. Imagem do próprio autor

Continuamos até o Bonete que estava praticamente vazio, como é bom chegar num local assim. É quase como ter uma praia somente sua. Demos um mergulho para refrescar, comemos uma barra de cereal e tomamos água, pois o calor aumentava com o tempo e o Sol começava a se sobrepôr às nuvens. Seguimos até a praia Grande do Bonete, um verdadeiro cartão postal, com quiosques no canto e algumas casas com pé na areia para quem quer ter uma experiência mais direta com a natureza e o mar. Mais uma parada para um mergulho e encontramos um local reservado com fitas, galhos e uma placa indicando um nascedouro de tartarugas, organizado pelo Projeto Tamar, que é protegido pela população local.



Figura 2. Proteção do Projeto Tamar às tartarugas marinhas. Imagem do próprio autor

Em seguida encontramos uma placa, ao lado das casas, indicando o caminho da praia do Deserto. Aqui a trilha fica mais estreita e logo no início há uma subida. Neste ponto, nosso grupo divergiu, eu querendo dar sequência e os demais querendo ficar na praia e apenas desfrutar. A maioria venceu na democracia e não foi um problema retornar. Fomos caminhando pela praia e novamente atraídos pela água cristalina. Não esquecemos de reforçar o protetor solar, pois o Rei já dominava e fora da sombra das árvores que acompanham a areia, Ele ardia.

No retorno, pude observar um número grande de pessoas na trilha, o que me espantou, pois encontramos poucos durante a ida e somente na praia Grande do Bonete vimos um grupo de pessoas, que provavelmente estavam nas casas à beira mar. Destaca-se que pude diferenciar dois tipos básicos de trilheiros. Um deles formados por pessoas descalças ou de chinelos, com bermudas, camisetas, biquínis, ou sungas, uma sacola e o celular na mão. Estas pessoas, em geral, pareciam cansadas, caminhavam mais lentamente, com mais dificuldade nas pedras escorregadias, ou subidas e falavam mais alto. Eu os denominei praianos em férias. Outro grupo era formado por pessoas com tênis ou botas, meias altas, calças, camisas com manga longa e tecido sintético, bonés e em suas mochilas que eram maiores, provavelmente carregavam lanches, água, protetor, repelente, algum material de primeiros socorros e câmeras fotográficas. Este os denominei como atletas de rendimento da natureza, pareciam estar em treinamento, eram fisicamente fortes, falavam pouco e tinham objetivo claro de completar as Sete Praias. Saltava aos olhos ver metas tão distintas num mesmo lugar.

Mas o retorno foi ainda mais surpreendente, pois quando atravessamos o morro entre a praia Grande do Bonete para a praia do Bonete, que tinha apenas um quiosque vazio, durante o percurso de ida, pudemos notar, muitas embarcações na praia e um número grande de visitantes. A situação parecia a chegada dos portugueses ao Brasil no século XVI. As pessoas chegavam alegres, sorridentes e eufóricas dos botes que saíam das lanchas e deslizavam até a areia da praia, com suas caixas de bebida, mochilas, sacolas de comida, cadeiras de praia e guarda sóis. Uma mudança radical entre o visual de horas antes e o que encontramos agora. Decidimos parar na barraca e comer alguma coisa, além de mergulhar mais uma vez, antes de voltar à Lagoinha, foi aí que outras surpresas surgiram, como o som alto de potentes caixas de som, pessoas muito queimadas de Sol pela ausência de protetor, um drone que insistia em subir e descer fazendo barulho, maquiagem de festa para favorecer a fotografia para as redes sociais, relógios de ouro (ou não), que combinavam com o azul da água e um clima muito diferente de outrora.



Figura 3. Invasão de turistas. Imagem do próprio autor

Depois de um descanso, voltamos à trilha e percebi que andar descalço era ainda melhor para me conectar com a umidade da terra, do que se mantivesse o chinelo. O caminho foi tranquilo até o final, pois na chegada à praia da Lagoinha já pude sentir o cheiro do churrasquinho que um grupo fazia bem no início da trilha. Sinal de alerta para o risco de incêndio na mata! Mas não foi só isso, logo na sequência encontrei várias garrafas e latas de bebida encostadas nas pedras. Recolhi o material, pois quem o deixou já não estava por perto e o levei para uma lixeira. A praia estava lotada e a mente em ebulição para os contrastes do turismo neste lugar.



Figura 4. Churrasquinho à beira mar. Imagem do próprio autor

No dia seguinte, nosso destino de aventura foi a praia da Fortaleza, a extremidade oposta da trilha das Sete Praias, onde outras aventuras nos aguardavam. Saímos cedo como de costume, e foi nossa sorte, pois apesar de ser uma praia que eu já conhecia, percebi que não é um lugar para ir muito tarde. A estrada é estreita, muitas vezes, passando um único automóvel. Todavia, quando se chega é necessário pagar o estacionamento para os moradores da região, que usam seu quintal para ganhar dinheiro.

Porém, isso não foi nada comparado ao grande número de barracas que existem na praia, montadas também pelos moradores que viram no aluguel do espaço público um negócio rentável, há quem diga que eles precisam trabalhar e que a pandemia os deixou com muito prejuízo por mais de dois anos, sem visitantes, mas confesso que conheci essa praia quase deserta e que apesar das casas à beira mar e da pequena vila, ela me parecia muito mais confortável com menos gente nela.

Não se pode esquecer que as embarcações tomam conta de quase toda a orla, existindo uma demarcação com boias para separar banhistas de lanchas, pranchas de *stand up paddle*,

banana boats e jet skis, por esse motivo, fomos para o canto direito da praia, para fugir um pouco da agitação.

Minha esposa, disposta a descansar, ficou por ali, enquanto meu filho e eu pegamos nosso *crash pad* (colchão para escalada), seguimos para a trilha que dá acesso ao Pontão da Fortaleza, uma laje de pedra, com área maior que um campo de futebol, com diversas formações rochosas espalhadas sobre ela, nas quais se praticam a escalada de blocos rochosos, ou *boulder* (PEREIRA, 2007).

A trilha dura cerca de 20 minutos e tem vegetação abundante, tal qual do outro lado da península. Fomos caminhando e encontramos outros escaladores seguindo na mesma direção, um deles era meu conhecido. De repente, ouvimos o barulho de algo caindo, era uma jaca, bem grande, não hesitei, fui até ela e abri, podendo comer um fruto delicioso e fresquinho. Ofereci ao meu filho e aos outros escaladores, mas ninguém experimentou. Jaca é uma fruta maravilhosa, mas talvez esteja distante do paladar de jovens da cidade grande, acostumados com comida congelada e *fast food*.

Chegamos aos *boulders* e fomos explorando a rocha, porém, o mar estava em ressaca e por vezes, as ondas batiam no costão e lavavam o chão ao redor das rochas, o que diminuiu a quantidade de locais possíveis de escalar. Apesar disso, pudemos nos divertir nas pedras e constatei, novamente, que a escalada é um esporte exigente fisicamente, portanto, para um bom desempenho é necessário treinar frequentemente, coisa que meu filho faz com constância e eu nem sempre.

No total eram cerca de doze pessoas escalando no local, que é um dos principais deste tipo de prática no país. Além das pessoas que escalam, haviam também outros interesses de pessoas que faziam essa trilha, como: tirar fotos num ambiente incrível, cujas ondas batendo na rocha formavam um *spray* maravilhoso; ou pescar na laje de pedra que fornece um sítio propício para peixes de bom tamanho; andar pelas pedras e avistar o mar de ângulos diversos a partir de cada nova encosta; ou ainda simplesmente atingir esse lugar incrível para ficar contemplando o horizonte e esvaziando o espírito, como aponta Horcaio (2013), a respeito das práticas de aventura na natureza.



Figura 5. Escalada no pontão da Fortaleza. Imagem do próprio autor

Sáímos com as sapatilhas molhadas pela água do mar, num momento que a onda foi mais forte e quase levou nossa mochila para o oceano. Mas depois de nos secar voltamos para a trilha e novas experiências ocorreram. Vimos outro exemplo dos atletas de rendimento na natureza que perambulam pela região, pois enquanto caminhávamos nos ultrapassou um corredor com tênis especial para trilhas, mochila hidratante, *shorts*, bonés e óculos esportivos. Sua velocidade e porte físico eram de quem não pode perder tempo, mas seu foco na corrida, são de quem não percebe a beleza natural que deixa para trás.



Aproveitamos mais um pouco na praia com um mergulho revigorante de quem deixou um o suor e a pele das mãos na rocha áspera dos *boulders* de Ubatuba e decidimos sair antes que a multidão, que estava na praia, pegasse seus carros para voltar na estrada estreita.

Terceiro e último dia. Nosso destino foi um passeio de barco com trilha a convite de uns amigos que estavam na praia do Saco da Ribeira. Seguimos de lancha até a ilha Anchieta, parque ecológico estadual, que já foi um antigo presídio de presos políticos.

A ilha é linda, cercada por muito verde, ela não permite moradias, somente um *hostel* do próprio parque e um pequeno restaurante podem operar com autorização do governo. Suas praias têm água translúcida, ideais para o mergulho de *snorkel* ou com cilindro. Como só se chega de barco, as praias são pouco acessíveis, mesmo assim pudemos observar algumas centenas de pessoas nelas. Durante o passeio de barco pudemos cruzar com golfinhos no mar, que mostra como são límpidas as águas da região.

Seguimos para o continente em direção à praia das Sete Fontes. Deixamos o barco e ficamos na praia até o corpo cansar de descansar. Entre um peixe, uma água de coco e uma cerveja, fazíamos um mergulho no mar e novamente deixávamos a mente leve, como se nada tivesse muita importância.

Nosso retorno não podia ser diferente. Trilha novamente, pois a praia das Sete Fontes fica isolada e o único acesso é pelo mar, como chegamos, ou através da trilha que seguimos num aclave elevado pela mata densa. Mesmo isolada essa praia estava lotada, pois as pessoas descobriram que passear de barco em Ubatuba é um ótimo negócio, para quem passeia e para quem conduz a embarcação.



Figura 6. Sentir a trilha nos pés. Imagem do próprio autor.

Novamente descalço, pois estava cada vez me sentindo melhor dessa maneira, fui com meu filho e mais duas amigas que preferiram calçar os tênis, pois andar em trilha sem proteger os pés, não é seguro ou confortável para elas. Após a grande subida, descemos até a praia do Flamengo, que pelo horário, cerca de 17 horas, já estava bem deserta, com poucas pessoas descansando. Sua areia grossa massageia os pés enquanto se caminha. E depois seguimos em direção à praia do Saco da Ribeira para concluir nossa caminhada.

### **Os pensamentos que surgiram enquanto admirava o oceano**

Nesta parte, dedico uma análise reflexiva sobre três categorias centrais da experiência. O lazer para quem percorre as trilhas de Ubatuba, os choques culturais que se desenvolvem neste período do verão e os impactos à natureza destes locais.

O lazer como dito por Dumazedier (1976) é um bem cultural e um direito das pessoas, portanto a aglomeração no litoral de São Paulo, durante as férias de verão podem ser compreendidos como uma das formas de lazer que as pessoas julgam ter direito, pois em sua

maioria, são pessoas da capital paulista, que trabalham diariamente e sentem-se no direito de aproveitar os dias de Sol nas praias, que são espaços públicos.

Todavia, vimos na descrição que apesar de não existir restrição quanto ao acesso à essas praias percorridas, há um custo para esse prazer à beira mar, como coloca Marinho (2006), a respeito do consumismo do lazer. A locação de guarda sol, cadeira, tenda, estacionamento, entre outras mordomias é um comércio que gera um custo adicional a quem visita. Lembro também que Ubatuba cobra uma taxa de visitação por veículo de passeio (carro ou moto) que permanece na cidade. Essa taxa foi concebida para conservação ambiental no valor de R\$ 3,50 para motocicletas, R\$ 13,00 para automóveis, até R\$ 92,00 para ônibus (Lei 09/2018). Além disso, percebeu-se um movimento muito grande na estrada que corta toda a orla marítima do município, gerando congestionamentos, portanto, a melhor forma de conhecer a maioria das praias é através da locação de lanchas, barcos a motor e escunas, que também são oferecidos pela população local, para aumentar sua renda. Isso sem falar de todo tipo de comida e bebida oferecida na beira da praia, é possível inclusive pedir para um *motoboy* entregar na própria areia.

Se por um lado, o comércio local se beneficia da chegada de turistas, é visível que o conforto dos visitantes tem um preço, que afasta pessoas de baixa renda, pois combustível, pedágio, taxa por veículo, hospedagem, alimentação e passeios são somam valores vultosos. Mas pelo número de pessoas em Ubatuba no verão de 2024, demonstra que as pessoas estão dispostas a investir, seja para simplesmente desfrutar das belezas naturais, seja para mergulhar no mar com tartarugas e peixes, ou mesmo para fazer poses para fotos e vídeos que podem viralizar nas redes sociais, mostrando que a pessoa é uma privilegiada por desfrutar deste ambiente.

A proposta da pesquisa foi procurar o modo mais simples e com menor custo para o desfrute do lazer. Tivemos a sorte de conseguir uma embarcação de amigos para passear pelas praias e no restante fizemos tudo a pé, exceção feita aos trajetos de automóvel que são indispensáveis como vir de Jundiaí à Ubatuba e nos deslocar até as praias da Fortaleza e Saco da Ribeira. Procuramos levar nossa alimentação e hidratação, mas por vezes compramos bebidas e comidas na praia. Isso mostra que o lazer em Ubatuba está fortemente associado à capacidade de consumo das pessoas.

Sigo para alguns aspectos culturais observados nas andanças pelo litoral.

Ubatuba contém muitos hotéis e pousadas, além de casas de veraneio, que são alugadas e como em outras regiões turísticas, percebe-se que as melhores casas, aquelas mais próximas da areia, não são de moradores da região, que costumam afastar-se na periferia do município, pois o valor dos imóveis é muito elevado para os ganhos dos moradores, sendo o mais elevado metro quadrado do litoral paulista (IPD, 2024).

Há uma clara divisão entre abastados, os proprietários dos imóveis que alugam suas casas ou são proprietários das hospedarias e os trabalhadores, os moradores locais que atendem os turistas e que só tem sua força de trabalho para trocar pela subsistência, ou então, empreendem como podem para manter-se. Os moradores do litoral, entendem que o verão é um momento de ganhar dinheiro e enquanto o turista se diverte, o(a) caçara trabalha para atender os desejos dos turistas. Logo cedo, montam barracas de comida, organizam os espaços que pretendem alugar, abrem seus comércios e atendem a todos de modo prestativo. Crê-se que eles sabem que é momento de ganhar dinheiro e quando o verão terminar poderão aproveitar sua região com tranquilidade.

Salienta-se que entre os turistas, há diferenças entre as pessoas nos modos de fruir seu tempo de lazer, em sua maioria, querem apenas se deitar ao Sol, na areia, ou sentar em frente ao mar para ouvir o som das ondas com sua caixa de bebidas. Mas há aqueles que decidem fazer da praia seu campo de treino, correndo, pedalando, nadando ou caminhando com vigor, pois exibir corpos “sarados” é um modo de distinção ainda maior dos privilegiados, que não

dispensam a tecnologia de relógios marcadores de índices de desempenhos e roupas que ajudam na transpiração e absorção de impactos.

Por fim, o que não me pareceu ter mudado com o tempo foi o modo como as crianças continuam brincando na areia, com seus baldinhos e pás, fazendo castelos e piscinas de água do mar, com a única pretensão de viver o momento em contato íntimo com a praia, me parece que nelas ainda há esperança.

A cultura dos habitantes, moradores de Ubatuba, incorpora o verão como momento de trabalho e ganho monetário, talvez pela pouca oferta de trabalho na região, em outras áreas além do turismo. Já a cultura dos turistas, seja daqueles que são praianos de férias, ou dos atletas de rendimento na natureza, apresenta um forte componente de demonstração da sua capacidade de usufruir deste paraíso natural, que pode estar representado por uma pose de modelo numa pedra a beira mar que se atingiu pelas trilhas, cujo acesso exige esforço e empenho de aventureiros, ou num corpo sarado que corre durante o horário de Sol mais intenso, provando seu vigor físico contra todos os obstáculos naturais.

Analisar as questões da conservação ambiental é outro aspecto deste texto.

Ubatuba tem 80% de sua área com natureza preservada, o que é um aspecto relevante num país que pouco ocupa em cuidar do meio ambiente. A taxa de conservação cobrada pela prefeitura ajuda nessa manutenção. Nas trilhas percorridas e nas praias alcançadas durante a pesquisa, observou-se um bom cuidado com a preservação ambiental, mesmo em se tratando de período com grande concentração de pessoas em Ubatuba.

O Parque Estadual da Ilha Anchieta é uma Unidade de Conservação, sendo Área de Preservação Ambiental, com uma área de 723 Km<sup>2</sup>, ela contém um plano de manejo que contribui para a conservação da natureza do município (SILVA JUNIOR *et al.*; 2016). Entende-se que o cuidado com a natureza é valorizado na localidade, todavia há fragilidades.

O lixo e churrasco visto na praia da Lagoinha, uma mancha de óleo observada no embarque da marina do Saco da Ribeira, que concentra a maioria das embarcações de Ubatuba, o grande número de barcos a motor nas diversas praias visitadas aumentando o fluxo de banhistas e o lixo que se acumula nessas praias, que quase sempre contam com barracas e venda de produtos aos visitantes, são fatores e impacto.

Restringir as pessoas ao acesso às praias seria uma loucura, afinal é um dos poucos espaços públicos de lazer que ainda resistem para a população, todavia, há que se propor políticas de educação para a conservação da natureza que efetivem o cuidado com as praias da região (BAHIA, 2010). A prefeitura municipal deveria desenvolver atividades que levassem à consciência do recolhimento do lixo, da diminuição de plástico na areia pelos vendedores, da colocação de placas indicativas alertando sobre a preservação da natureza, de monitores para as trilhas que auxiliassem aos turistas no contato com esses ambientes para diminuir o impacto ambiental, entre outras medidas.

## CONCLUSÃO

Passear pelas trilhas das praias de Ubatuba descortina uma paisagem que não deve nada às praias mais lindas do planeta como Fernando de Noronha, Cancun, ou as ilhas do Caribe.

As praias oferecem momentos de lazer que estão entre os preferidos de muita gente, mas apesar de ser um lazer popular, público e gratuito, ele se mostrou totalmente integrado ao processo capital e consumo, gerando lucros àqueles que estão dispostos a trabalhar por isso, ou que têm seus negócios voltados ao lazer do turista. Há esperança num lazer descompromissado que foi melhor observado no comportamento de crianças brincando na areia, mas que deve ser valorizado para que possa gerar frutos nos adultos do futuro.



A carência de oferta de empregos com boa valorização em Ubatuba criou uma população pronta para vender ou alugar o que for preciso para sobreviver no município e aos poucos vai matando o jeito caçara de viver com a pesca, o artesanato local e as acomodações de hospedagem mais simples, como os campings, para oferecer aos turistas.

Quanto ao turista, este parece trazer toda sua bagagem cultural para o litoral. Roupas, calçado, assento, sombra, bebida, prato preferido, maquiagem, adereço, velocidade de locomoção, música, aparelho de comunicação. Conforto e comodidade estão sempre presentes, sobrando pouco espaço para a integração simbiótica com o ambiente visitado, sinal dos tempos.

A frágil natureza resiste, mantendo o local quase como um santuário, com árvores lindas, peixes, tartarugas, golfinhos, flores, pedras, conchas, areia limpa, mar transparente, contrastando com o Sol, as nuvens e o vento, mas a degradação do ambiente pode estar se acelerando rapidamente e o turismo é um dos grandes responsáveis. Políticas públicas eficazes devem ser aplicadas para que as maravilhas deste local permaneçam, pois ao contrário estaríamos perdendo um presente que o meio ambiente nos oferece todos os dias e de graça.

## REFERÊNCIAS

BAHIA, M. C. A gestão das cidades sustentáveis e as atividades de aventura. In: PEREIRA, D. W. *et al.* (orgs.). **Entre o urbano e a natureza: a inclusão na aventura**. São Bernardo do Campo – SP: Lexia, 2010.

BRITO, A. S.; SANTOS, I. F.; SILVA, P. H.; MAIA, T. N. Uma tarde em Itaipu: trilhando novos percursos educativos na visão dos estudantes do ensino médio técnico integrado. In: CANDIDO, C. M. *et al.* (orgs.). **Práticas de Aventura e Educação: Tecendo significado através das experiências**. São Paulo: Supimpa, 2023.

DUMAZEDIER, J. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

HORCAIO, R. T. Uma análise sobre a viabilidade e as oportunidades do turismo de aventura no Brasil. In: PEREIRA, D. W. (org.) **Atividades de Aventura: em busca do conhecimento**. Jundiaí: Fontoura, 2013.

IPD. **Índice Proprietário Direto**, 2024. Disponível em: <<https://www.proprietariodireto.com.br/preco-m2-ubatuba>> Acesso em 21/01/2024.

LEI 09/2018. **TPA** (Taxa de Preservação Ambiental). Lei Municipal Prefeitura de Ubatuba 09/2018. Disponível em: <<https://www.ubatuba.sp.gov.br/destaques/tpa-2/>> Acesso em 21/01/2024.

MARINHO, A. Lazer, natureza, viagens e aventuras: novos referentes. In: MARINHO, A. BRUHNS, H. T. **Viagens, lazer e esporte: o espaço da natureza**. Barueri: Manole, 2006.

PEREIRA, D. W. **Escalada**. São Paulo: Odysseus, 2007.

PESSOA, F. A.; PORRETTI, M. F.; SANTOS B. C.; PESSOA. L. A.; PITZER. L. S.; MOURA, N. M. Práticas de aventura e interpretação ambiental nas expedições do CEFET/RJ, campus Petrópolis. In: Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura/ Congresso Internacional de Atividades de Aventura. 25 a 28 de agosto de 2021. **Anais...** Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021. Evento online.



SCHMIDT, L. K. **Hermenêutica**. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SILVA-JUNIOR, L.; VILAS-BOAS, J. A.; BERNARDES, M. E. C.; ALVARENGA, M. I. N. A qualidade visual da paisagem do Parque Estadual da Ilha Anchieta, Ubatuba (SP). **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v. 9, n. 2, mai./jul. 2016, p.318-345.